

Carta denuncia aos líderes dos governos aliados e defensores dos direitos humanos da ONU relatando os problemas de Terras Indígenas Ashaninka e Apolima Arara no Brasil (Região Alto Juruá) e Terras Indígenas Ashaninka no Peru (Região Ucayali)

Eu, Benki Piyãko, líder Ashaninka, venho através desta carta relatar os problemas das Terras Indígenas Ashaninka e Apolima Arara da região do Alto Juruá no Acre, Brasil, e das Terras Indígenas Ashaninka na região Ucayali no Peru que se encontram ameaçadas por empreendimentos dos governos de ambos os países, tais como retirada ilegal de madeira, petróleo, ouro e narcotráfico e agridem diretamente nossos territórios devido ao seu espírito predador, que destrói os povos que nestas terras vivem.

Como defensor dos direitos humanos, tendo recebido em 2004 o Prêmio Nacional dos Direitos Humanos pela Presidência da República do Brasil e em 2013 o Prêmio de Direitos Humanos pela cidade de Weimar na Alemanha, tenho uma exigência a fazer aos demais membros da ONU que defendem os direitos dos Povos Indígenas, que estão sendo hoje violados pelos nossos países de maneira tão violenta, levando ao assassinato de nossos líderes e ameaçando as demais lideranças que defendem seus direitos e direitos dos povos da floresta aqui na Amazônia brasileira e peruana.

Nós, povos indígenas da área de fronteira Brasil Peru, ordenamos que nossos direitos sejam respeitados como seres humanos que há centenas de anos vivem nestas florestas sem destruí-las. Vimos lutando pela demarcação de nossos territórios há mais de 26 anos, desde a Constituição brasileira de 1988, a fim de alcançar a demarcação de todas as Terras Indígenas no Brasil, mas que até hoje se arrasta de forma vagarosa nas mãos do governo com centenas de comunidades que ainda necessitam ser demarcadas.

Eu gostaria que a Organização das Nações Unidas cobrasse dos nossos países a segurança destes territórios que hoje representam uns dos únicos espaços que contém uma das maiores biodiversidades do mundo, possuindo uma cultura de sobrevivência sem destruição, assegurando as nascentes das águas, as florestas, os animais, os peixes. Pois é triste ver que apesar de tudo isto, ainda somos ameaçados quando resguardamos toda essa riqueza natural por sermos ignorados por muitas políticas desenvolvimentistas.

Aqui em nossa Amazônia e na nossa fronteira entre Brasil e Peru, nós Ashaninka do Brasil temos uma história de luta de defesa aos nossos territórios há mais de 14 anos para impedir estas invasões madeireiras, sendo que até hoje não tivemos o resultado esperado pelo nosso povo indígena.

Devido a isso vimos através desta exigir que os nossos direitos, e por defender os nossos territórios, sejam respeitados e considerados pelas Nações Unidas.

Hoje, por essa luta na área de fronteira, temos mostrado aos governos de nossos países como ajudar a superar o mundo com uma consciência de restauração e recuperação dos inconscientes para uma consciência de vida, recuperando a floresta, os rios e a vida humana, da droga, da destruição da floresta e da própria destruição do planeta.

Desta forma apresento a seguir a carta de repúdio das organizações indígenas Ashaninka e Apolima Arara da faixa de fronteira entre o Brasil e Peru, expondo o nosso desespero por perdermos lideranças Ashaninka tão importantes devido a estas invasões dos nossos territórios.

Atenciosamente,

Benki Piyãko Ashaninka
Líder Ashaninka da Associação Ashaninka do Rio Amônia
Apiwtxa, Brasil

Carta de repúdio dos representantes das Terras Indígenas Ashaninka e Apolima Arara da área de fronteira do Brasil e Peru

Nós lideranças das quatro comunidades de área de fronteira das Terras Indígenas Ashaninka e Apolima Arara do Brasil e as Terras Indígenas Ashaninka de Sawawo e Shawaya do lado peruano, todas localizadas no Rio Amônia, nos reunimos no dia 11 de setembro de 2014 na Aldeia Apiwtxa para solicitar dos governos peruano e brasileiro as providências cabíveis sobre o assassinato das quatro lideranças Ashaninka da Terra Indígena Saweto do Alto Tamaya no Peru, **Edwin Chota, Leoncio Meléndez, Francisco Pinedo e Jorge Peres**.

Sabendo da morte dos quatro líderes que aconteceu nos primeiros dias do mês de setembro de 2014, principalmente a de **Edwin Chota e de Jorge Peres**, vemos esta atrocidade como uma forma de madeireiros e narcotraficantes, não só de enfraquecer a Comunidade Saweto, mas também de intimidar fortemente os demais líderes que lutam para impedir que estes criminosos entrem e atuem dentro dos nossos territórios, explorando madeira e praticando o tráfico de drogas. Estamos cientes também de que após as mortes dos quatro Ashaninka os assassinos continuam ameaçando de morte através de radiofonia os demais moradores da aldeia Saweto, quando tentam se comunicar com seus parentes para lamentar a morte de seus líderes.

Reconhecemos este ato como uma forte provocação e nos sentimos também ameaçados. Exigimos da justiça de ambos os países, Brasil e Peru que resolvam este caso urgentemente, pois senão nos sentimos obrigados a agir para impedir que mais lideranças e pessoas inocentes sejam assassinadas.

Todos os anos morrem Ashaninka no Peru nesta linha de fronteira e queremos dar um fim a esta situação da forma mais rápida possível. Além de exigirmos que tanto a Polícia Federal brasileira como também a Polícia peruana verifiquem a questão urgentemente, solicitamos também do Governo Peruano que seja instalado próximo ao local do crime no Rio Tamaya um posto da Polícia Nacional peruana para garantir a integridade de todos os vestígios deste ato criminoso e a proteção dos restos mortais de nossos líderes. Ainda mais se tratando de um crime internacional, onde criminosos brasileiros assassinaram líderes peruanos em solo peruano, sendo que estes criminosos também ameaçam as comunidades Ashaninka e Apolima Arara no Rio Amônia, é de suma importância que este crime seja punido da forma devida e imediata.

Não podemos mais esperar, pois nossos jovens, que são centenas estão vivenciando um fato que amedronta e coloca em risco o futuro de todas as comunidades Ashaninka que sofrem com esta questão já há anos. Recorreremos em todas instâncias, a nível nacional e internacional, para que possamos viver em paz em nossos territórios.

Temos as seguintes exigências:

- Exigimos a declaração imediata do título da Terra Ashaninka do Alto Tamaya e a proteção dos familiares das vítimas. Também exigimos que todas as pessoas que cometeram este crime sejam punidas de forma devida e que toda atividade ilegal que ocorre na região de fronteira sejam apuradas e combatidas para que os povos indígenas Ashaninka e Apolima Arara, como também habitantes não indígenas da região consigam viver em paz em seus territórios sem estas ameaças. Além disso é necessário que as ameaças existentes sejam apuradas pelos órgãos governamentais responsáveis e que os líderes Ashaninka do Peru e Brasil, como também os líderes do povo Apolima Arara recebam proteção.

- Que além das prisões dos criminosos na região do Peru, é necessário que seja feita uma identificação geral a fim de saber quem é quem que mora e atua na região Saweto, pois temos informações de que as pessoas que agem ali na região do Alto Tamaya e seus afluentes, Putaya e Kañaña, são na maioria brasileiros.

- É necessário que por parte do governo brasileiro sejam instalados urgentemente no Município Marechal Thaumaturgo postos da Funai, Polícia Federal e IBAMA para ajudar na fiscalização e orientação do uso dos recursos naturais.

- E que os acordos já existentes entre o Brasil e Peru, mediante à proteção dos povos indígenas da área de fronteira e todos os recursos naturais ali existentes, sejam respeitados e reforçados por ambos os países.

A pedido dos familiares das vítimas dos líderes assassinados, que moram no Brasil, os corpos das vítimas devem ser reconhecidos o mais rápido possível pelos órgãos peruanos responsáveis para que possam ser enterrados no local do ocorrido, respeitando os rituais e a tradição Ashaninka.

É de tamanha urgência que uma comissão de ambos os países, Brasil e Peru, acompanhem o processo de apuração do caso por se tratar de área de fronteira.

Para finalizar, é de suma importância que os órgãos governamentais e não governamentais que foram omissos nesta questão necessitam sejam investigados. Além disso é necessária uma fiscalização e identificação dos caminhos, rotas e locais de ação onde os grupos de madeireiros ilegais e narcotraficantes atuam.

Assinam esta carta de repúdio representantes das seguintes Terras Indígenas do Brasil e Peru:

- Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, Povo Ashaninka, Brasil.
- Terra Indígena Apolima Arara do Rio Amônia, Povo Apolima Arara, Brasil.
- Terra Indígena Sawawo, Hito 40, Povo Ashaninka, Peru.
- Terra Indígena Shawaya, Hito 40, Povo Ashaninka, Peru.

Aldeia Ashaninka Apiwtxa, Marechal Thaumaturgo, Acre, Brasil, 12.09.14.